

Brasil

JORNAL DA TARDE

Há poucos dias, a revista inglesa **The Economist** publicou um bem-humorado artigo, reproduzido aqui no Brasil pelo jornal **Gazeta Mercantil** sob o título **A mais velha profissão**, comentando a desconfinça com que os economistas, enquanto formuladores e executores de políticas administrativas e de governo, são vistos nos países ricos.

Depois de observar que, enquanto nos países desenvolvidos poucos são os ministros das Finanças — do Grupo dos Sete apenas dois — diplomados em Economia, em nove de 12 grandes países do Terceiro Mundo e do ex-bloco comunista a principal autoridade econômica é formada nesta matéria, o articulista comenta:

“Os críticos chegam a uma conclusão: a de que esses países são pobres justamente porque os economistas os dirigem”.

O autor do artigo lembra ainda a opinião conflitante dos economistas e a confusão que essas opiniões costumam causar:

“Suas opiniões abarrotam as colunas de jornais e as ondas de rádio e televisão: uma única palavra de um dos eleitos pode jogar os mercados num turbilhão. (...) Suas recentes previsões foram embaraçosamente incorretas. A facilidade com que mudam de idéia (preferindo taxas cambiais fixas num dia, flutuantes no outro) afeta sua credibilidade. Sua declinante popularidade é confirmada no próximo livro de Alfred Malabre: na Universidade de Harvard, relata o autor, a Economia foi suplantada pela Administração Pública como disciplina mais popular entre os universitários do curso de graduação”.

Humorismo à parte e, no caso brasileiro, reconhecida a distância que nos separa dos países ricos em termos de racionalidade econômica, principalmente na administração pública, achamos que também em nosso país já está na hora de começarmos a colocar um pouco de ordem na algaravia em que se transformou o debate de assuntos econômicos nas emissoras de rádio e de

televisão e nas páginas dos jornais. Isso se torna necessário especialmente porque, entre nós, os economistas adquiriram um **status** intelectual e de mídia elevadíssimo e exercem forte influência não só sobre os políticos e os governantes mas também sobre a opinião pública.

Não estamos aqui desejando que, de repente, todos passem a pensar a mesma coisa sobre todos os problemas nacionais, naquela unanimidade burra de que já falava, com muita ironia, Nelson Rodrigues. Mas gostaríamos de ver uma certa “coerência” na formulação das críticas e opiniões e de pedir que todos lembrem que não trabalham com uma ciência exata. Não existe, de fato, uma ciência econômica e sim uma Economia política. Portanto, as chamadas “verdades econômicas” são apenas verdades relativas e nem todos os problemas que se apresentam podem ser resolvidos com uma tábua de logaritmos.

Essas preocupações se justificam agora porque, exatamente neste momento em que o ministro da Economia — que graças a Deus não é economista —, ao que tudo indica, está tendo êxito no seu esforço para criar as condições básicas para começar um combate mais efetivo à inflação, os economistas começam a ver novos e difíceis obstáculos. E começam, também, a lançar novas “verdades” na praça. Todo mundo dizia que sem uma reforma fiscal e tributária seria impossível matar de vez a inflação no Brasil. Muitos agora já começam a achar que a reforma tributária pode criar problemas, virar um tiro pela culatra. Todo mundo considerava a inflação o inimigo número um. Agora, já há os que estão dizendo que se a inflação diminuir muito o déficit público explode e teremos mais inflação na frente. Ou ainda que, se a inflação baixar demais e muito rapidamente, muitos bancos vão quebrar.

O que fazer então? Sentar no meio-fio e, como no poema de Manuel Bandeira, “tocar um tango argentino”?